

MATOSO CÂMARA E O ESTUDO DE VERBOS³⁰

João Bortolanza (UFU)
jbortolanza@uol.com.br

RESUMO

Relevante a contribuição de Matoso Câmara para o estudo dos verbos, sobretudo com *História e Estrutura da Língua Portuguesa* e *Estrutura da Língua Portuguesa*, esta incompleta (1970), póstuma a primeira (edição em inglês de 1972). Muito ainda há para aprender com essas obras, até porque a reflexão do Autor em ambas ficou-nos inconclusa, posto que veio a falecer antes de dar-lhes a versão final. O que me intriga, e a cada ano que passa mais ainda, é tentar desvendar por que os falantes da língua passam tantos anos na escola “aprendendo o português” (que já sabem) e sentem tamanha dificuldade em aprender os verbos (que também já sabem). Por outro lado, o sistema verbal é tão extenso, tão complexo, tão complicado, que “até uma simples criança o apreende”. Vale dialogar com alguns aspectos basilares dessas duas indispensáveis obras do ilustre homenageado linguista e filólogo Joaquim Matoso Câmara Júnior, tentando ir à essência de nosso sistema verbal – sincronicamente português, mas latino em sua diacronia – à busca desses elementos mínimos tão simples que não escapam à percepção de uma simples criança.

PALAVRAS-CHAVE: Diacronia. Sincronia. Sistema. Verbal

Relevante a contribuição de Matoso Câmara para o estudo dos verbos, sobretudo com *História e Estrutura da Língua Portuguesa* e *Estrutura da Língua Portuguesa*, esta incompleta (1970), póstuma a primeira (edição em inglês de 1972). Muito ainda há para aprender com essas obras, até porque a reflexão do Autor em ambas ficou-nos incompleta, posto que veio a falecer antes de concluí-las. O que me intriga, e a cada ano que passa mais ainda, é tentar desvendar por que os falantes da língua passam tantos anos na escola “aprendendo o português” – que já sabem – e sentem tamanha dificuldade em aprender os Verbos – que também já sabem. Por outro lado, o sistema verbal é tão extenso, tão complexo, tão complicado, que até uma simples criança o apreende.

Vale dialogar com alguns aspectos basilares dessas duas indispensáveis obras do ilustre homenageado linguista e filólogo Joaquim Matoso Câmara Jr., tentando ir à essência de nosso sistema

³⁰ Reedição corrigida da conferência proferida no XI CNLF, na UERJ, a 29 de agosto de 2007.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

verbal – sincronicamente português, mas latino em sua diacronia – à busca desses elementos mínimos tão simples que não escapam à percepção de uma simples criança.

Proponho-me a partir de uma sugestão de tabela latino-portuguesa e tecer algumas considerações na linha do que me propus, “tentar achar o elo perdido” no ensino de verbos:

INFECTUM	PERFECTUM	SUPINUM
AM-O, -AS, -ARE ↓	AMÁV-I ↓	AMAT-UM
DELE-O, -ES, -ERE	DELÊV-I	DELÊT-UM
DICO, -IS, -ĒRE	DIX-I	DICT-UM
AUDI-O, -IS, -ĪRE ↓	AUDĪV-I ↓	AUDĪT-UM

	Indicativo	Subjuntivo	Indicativo	Subjuntivo
	AM-O	AM-E-M (I)	AMAV-I	AMAV-ĒRI-M
		dele-A-m (II-IV)		
	amo	que ame	amei (tenho amado)	que tenha amado
Preterito	AMA-BA-M	AMA-RE-M	AMAV-ĒRA-M	AMAV-ISSE-M
	amava	que amasse	amara (tinha amado)	que tivesse amado
Futuro	AMA-B-o, -Bis I,II	ama-b-o	AMAV-ĒR-O	amav-êr-o
	Dic-A-m, -Es III,IV			
	amarei	se amar	terei amado	se tiver amado
Condicional		AMA-RE-M		AMAV-ISSE-M
	amaria	se amasse	teria amado	se tivesse amado

No capítulo VII de *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (1975), com o título de “As conjugações perifrásticas”, magistralmente refere-se às “perífrases de formas verbais” – o que vamos destacar – e as “perífrases de formas verbo-pronominais”, também lapidar, seja ao referir-se à voz medial ou deponente, seja “Perífrase verbo-pronominal na terceira pessoa”.

Em referência à incorporação de TEMPOS COMPOSTOS (grifo meu) com o auxiliar *TER* na conjugação flexional “simples”, Said Ali (1931, 180) insurgiu-se com razão contra um critério que rompe a estruturação morfológica das expressões verbais. É preciso respeitar a existência de *dois sistemas distintos*, embora correlatos, ou, pelo menos, de “dois ramos de um sistema significativo (Glinz, 1953, 374), *que são a flexão do radical e a perífrase* e correspondem a intenções categóricas distintas. [...] Assim, a chamada “voz passiva” em português não tem caracterização morfológica. (CÂMARA JR, 1975, p. 167) (grifos meus).

As CONJUGAÇÕES PERIFRÁSTICAS se dispõem numa série, a rigor aberta, em ordem decrescente da intensidade da significação lexical do auxiliar. Nessa escala, são mais ou menos *gramaticalizadas*. Na gramaticalização mais forte, o auxiliar está com a significação lexical esvaizada e se tornou um mero índice da categoria que se destina a exprimir.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A tradição gramatical portuguesa é separar, por esta última circunstância, dois modelos de composição, que são especificamente chamados “*tempos compostos*”:

1) a locução do verbo *SER*, em todas as suas formas flexionais, e um particípio perfeito que, sob o nome de “VOZ PASSIVA”, é apresentada como uma contraparte da conjugação flexional ativa;

2) as locuções de alguns tempos do verbo *TER* com um particípio perfeito normalmente invariável, que são *incorporadas à série de tempos de formas flexionais unas*. As demais construções é que se consideram propriamente “conjugações perifrásticas”. (CÂMARA JR, 1975, p. 167). (grifos meus).

Assim se estabeleceu, nas línguas românicas, um modelo de oração nominal {voz passiva} com um particípio perfeito, no predicado, atribuindo a um sujeito o resultado de uma atividade que o atingiu. As CONJUGAÇÕES PERIFRÁSTICAS devem ser entendidas, ao contrário, como processo de formação morfológica na base de uma locução, isto é, *dois vocábulos fonológicos e morfológicos que se associam numa unidade lexical superior*. Podemos classificá-las em função da forma nominal que utilizam: particípio perfeito, gerúndio, infinitivo. (CÂMARA JR, 1975, p. 169) (grifos meus).

O português é das línguas românicas a que melhor conserva o *valor primitivo da locução*. Por isso Said Ali a caracteriza como um “PERFECTIVO”, à maneira eslava (Ali, 1931, 180). Podemos dizer, mais rigorosamente, que é um PERFEITO, *delimitado no tempo pelo auxiliar*. Há um perfeito perifrástico de presente (*tenho amado*), de pretérito (*tinha amado*), de futuro (*tereí amado, teria amado*) e também um subjuntivo (*tenha amado, tivesse amado, tiver amado*), um infinitivo (*ter amado*) e um gerúndio (*tendo amado*) (CÂMARA JR, 1975, p. 170).

[...] No FUTURO DO PRESENTE, o PERFEITO DO FUTURO *equivale a um futuro anterior* a outro;

e, no uso modal, (para a irrealidade), do FUTURO DO PRETÉRITO, o FUTURO DO PRETÉRITO NO PERFEITO projeta a irrealidade para antes do momento atual. (*ibid.*, p. 171). (grifos e paginação meus).

Quanto às FORMAS NOMINAIS, no capítulo XII da *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970, reimpresso em 2006 pela Vozes, 38^a edição), no item final (nº 51) diz:

Resta uma apreciação semântica, nas mesmas linhas, das chamadas formas nominais, cujos nomes tradicionais são – *infinitivo, gerúndio e particípio*.

Aqui, a oposição é aspectual e não temporal.

O INFINITIVO é a forma mais indefinida do verbo. A tal ponto, que costuma ser citado como o *nome* do verbo, a forma que de maneira mais

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ampla e mais vaga resume a sua significação, *sem implicação das noções gramaticais de tempo, aspecto ou modo*.

Entre o GERÚNDIO e o PARTICÍPIO há essencialmente uma oposição de aspecto: o gerúndio é “imperfeito” (processo inconcluso), ao passo que o particípio é de aspecto concluso ou perfeito. O *valor de pretérito ou de voz passiva* (com verbos transitivos) que às vezes assume, não é mais que um subproduto do seu valor de aspecto perfeito ou concluso. (CÂMARA JR, 2006, p. 102-103). (grifos meus).

Entretanto, o PARTICÍPIO foge, até certo ponto, do ponto de vista mórfico, da natureza verbal. É no fundo um *adjetivo* com as marcas nominais de feminino e de número plural em /S/. Ou em outros termos: é um adjetivo que semanticamente expressa, em vez de qualidade de um ser, um processo que nele se passa. O estudo morfológico do sistema verbal português pode deixá-lo de lado, porque morfológicamente ele pertence aos adjetivos, *embora tenha valor verbal no âmbito semântico e sintático*.

O GERÚNDIO, ao contrário, é morfológicamente uma forma verbal. Mesmo como determinante de um substantivo (para indicar um processo que nele se passa) não concorda com ele nem em número nem em gênero. (CÂMARA JR, 2006, p. 103). (grifos meus).

Uma discussão em aberto – outro assunto a merecer um aprofundamento e, de minha parte, outra conferência – é partir da própria Nomenclatura de FORMAS NOMINAIS do VERBO. Seriam apenas flexões do verbo “considerado enquanto nome”? As três flexões remanescentes –R, -DO, -NDO excluiriam os “Tempos Compostos” e a “Voz Passiva”?

Como VERBOS, mantêm de fato a voz passiva e o tempo-aspecto, pelo menos o substantivo verbal (INFINITIVO) e o adjetivo verbal (PARTICÍPIO). A tabela latino-portuguesa fica um princípio de debate:

Tabela (sugerida): As Formas Nominais Latino-Portuguesas

	INFINITIVO ATIVO	INFINITIVO PASSIVO	GERÚNDIO ATIVO	GERÚNDIO PASSIVO	PARTICÍPIO ATIVO	PARTICÍPIO PASSIVO
	AM-ÁRE	AM-ÁRI	AMA-ND-i,-o,-um			
	amar	ser amado	amando	sendo amado	que ama	que é amado
Passado	AMAV-ISSE	AMAT-UM esse			qui amavit	AMAT-US,a,um
	ter amado	ter sido amado	tendo amado	tendo sido amado	que amou	amado
Futuro	AMAT-URUM esse	AMAT-UM iri		havendo	AMAT-URUS	AMA-NDUS
	haver de amar	haver de ser amado	havendo de amar	de ser amado	que há de amar	que há de ser amado

Observem-se estes exemplos criados com o intuito de transformá-los numa sequência narrativa – embora repetitiva – mas que

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

revele o sistema verbal numa “totalidade” aspecto-temporal dos modos indicativo e subjuntivo:

Um lobo ENCONTRA um cordeiro.

O cordeiro lhe SUJAVA a água?

O lobo IRÁ DEVORÁ-lo (o devorará)..

O cordeiro ARGUMENTOU:

TERÁ FALADO mal dele

quem ainda não NASCERA (TINHA NASCIDO) ?

Até aqui um modo (indicativo) e 2 ASPECTOS (imperfeito ou inacabado e perfeito ou concluído). Cada aspecto com 3 TEMPOS:

1. ∅ (não marcado)	→ Presente (inconcluso) e	Pretérito Perfeito (concluído)
2. Pretérito (anterior)	→ Pretérito Imperfeito e	Pretérito Mais-Que-Perfeito
3. Futuro (posterior)	→ Futuro (imperfeito) e	Futuro Perfeito

No modo subjuntivo se repete a estrutura aspecto-modo-temporal:

TEMO que um lobo ENCONTRE um cordeiro.

TEMIA que o cordeiro lhe SUJASSE a água.

Quando o lobo DEVORAR o cordeiro, VIRÁ a moral da história.

O lobo CASTIGOU o cordeiro, ainda que ele não lhe TENHA SUJADO a água.

O lobo já TINHA TOMADO a decisão, antes que o cordeiro TIVESSE RESPONDIDO.

Tudo TERÁ FICADO claro, quando o lobo TIVER CONCLUÍDO a falsa rixa.

Pode-se observar que tanto os 2 aspectos, quanto os 3 tempos de cada aspecto têm sua forma correspondente nos modos subjuntivo e indicativo.

Algumas observações precisam ser feitas:

- a) O ASPECTO verbal não é levado em conta no ensino de verbos, a partir das gramáticas, e não foi completado por Matoso Câmara.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- b) Os VERBOS AUXILIARES, embora não fazendo parte da flexão verbal, são de fundamental importância para uma visão completa das “noções gramaticais do verbo”. Não seria por ser analítico que o português deixou de ter, por exemplo, o pretérito perfeito do subjuntivo.
- c) A NOMENCLATURA usada no estudo dos verbos leva à incompreensão mais que à identificação da verdadeira base do complexo sistema verbal.

Creio oportuno voltar à aprendizagem de verbos “em criança”, quando, envolvidos numa estonteante mistura de sons, subimos aos poucos separar as oposições mínimas dos fonemas, a montagem de sons para representar objetos e, o mais terrível dos desafios da esfinge, “OU DOMINAR OS VERBOS OU NÃO FALAR” (isto é, expressar ideias). Como será que, crianças, aprendemos os verbos?

Inicialmente, como bem identificou Matoso: "O primeiro sistema, mais simples, é o usual na língua oral, opõe apenas, entre si, um presente e um pretérito" (2006, p. 100).

Pois é esse primeiro sistema mais simples que a criança aprende. Para tanto há que dominar apenas o TEMA e o ASPECTO:

- **go(s)to – como – engolo (gosta – come – engole)**
- **gostei – comi – engoli (gostou – comeu – engoliu)**

Juntamente vêm as tentativas de regularização, tão engraçadas para o adulto, mas tão profundas gramaticalmente, que creio estarem na base da verdadeira aprendizagem verbal:

- **fazo, fazi X faze, fazeu**
- **sabo, sabi X sabe, sabeu**
- **i, iu, pedo (pido), engolo...**

Entram em cena as desinências pessoais básicas correspondentes ao EU-VOCÊ (ELE) – bem de acordo com a visão egocêntrica típica dessa idade – nos tempos ZERO, não marcados, enquanto desinências modo-temporais. Estabelece-se, portanto, um passo primeiro na expressão de ideias, opondo já os temas com as categorias das conjugações, distinguindo os aspectos concluído e inconcluso, indiferente à oposição anterioridade-posterioridade, embora o tempo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

presente-pretérito se revele no imediatismo de sua fase concreta, algo assim como um fazer realizado ou em realização:

- Amanhã eu fazo; depois eu cato; depois eu como; depois eu engolo.
- Agora eu acabei; agora eu fazi; eu já engoli tudo.

A segunda etapa começa a opor anterioridade e posterioridade e representa duas novas aquisições: a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito (-ava / -ia), opondo I e II-III conjugações; a formação perifrástica do futuro imperfeito com o verbo IR (vou, vai) – mais que uma conjugação perifrástica na visão tradicional, um verdadeiro tempo composto:

- Eu sujava, eu comia, eu engolia; você (ele) sujava, comia, engolia (note-se que a desinência número-pessoal zero é fundamental)
- Eu vou brincAR, descER, saIR

Observe-se que já estão fixadas as conjugações que deram origem aos temas e a oposição entre I e II-III, como bem assinalou Matoso.

Poderíamos seguir – e para isso basta observar os professores em ato que são nossas crianças – e tentar descobrir por que, sendo tão complexa a estrutura verbal, é apreendida por uma “simples” criança. O sistema verbal vem-se construindo com “inteligência” (ler-colher dentro < *intus legere*), sem professores que analisem (que sorte!), mas com interlocutor que instiga a responder a “ações concretas”, sempre levando em conta o egocentrismo da criança.

Algo precisa ser observado nesse “colher global caótico” – e nisso, vem a propósito a noção de sistema estruturado de Matoso – que depois as escolas não retomam: **a criança “colhe pares opostos”**, mesmo que esses pares oponham **trios** (pessoas, tempos, conjugações”, portanto *ela só aprende “ler dentro” quando consegue na prática entender e aplicar a noção completa*. Os elementos mínimos dessa realidade que é o verbo, elemento indispensável na expressão de ideias – ou a criança o domina ou não fala – se apresentam em sua **TOTALIDADE ESTRUTURAL**. É essa **TOTALIDADE DAS NOÇÕES MÍNIMAS** que a fazem reconhecer os *elementos mínimos* sonoro-fonéticos, base da palavra estruturada e significativa, para em seguida reconhecer esse complexo mundo de formas e significados

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que é o verbo em seus usos. Chegam aos borbotões aos seus agudos ouvidos, borbulham em golfada ininteligíveis – bem mais difíceis que as explicações de qualquer professor de português – e, no entanto, o pequeno computador binário da mente infantil, com a lentidão que não tem pressa de crescer, em poucos anos domina a essência dessa estrutura complexa, em elementos tão simples – que até criança apreende! –, mas tão precisos, que creio ser preciso que os ilustres *DOCTORES* (ensinantes, docentes) das Letras tenham lá umas aulinhas desses filhos “que são o pai do homem”.

Está aí campo de pesquisa em aberto: como se dá a aquisição, concretamente, nesses meus filhos, sobrinhos, amiguinhos ou netos, dos verbos? Por exemplo, de 1 ano e meio a 3 anos; de 3 a 4 e meio etc.

Quando se dão conta que os verbos têm uma regularidade de tempos primitivos e derivados no caso dos ditos “irregulares”? Por exemplo: posso / pode / pude e seus derivados. Como se daria a aprendizagem que em pouco tempo faz o menino passar de “eu podó / você pode; eu podi / você podeu” e daí os característicos “se eu podesse, se eu poder” para o caminho da “irregularização” – tão genuinamente latina, que valeria falarmos que regulares mesmo são os irregulares!

Fica a impressão de que o legado de Matoso não produziu fruto, buscando completude. As *LOCUÇÕES*, com seu caráter analítico do latim vulgar, vieram substituir o admirável caráter sintético do latim clássico: no caso dos verbos, a formação analítica veio esvaziando o significado dos verbos auxiliares para a formação do sistema verbal completo, antes quase de todo flexional – excetuavam-se as formas do *Perfectum* passivas, o “começo do fim” da conjugação inteiramente flexional. As formas nominais já tinham no latim clássico um número maior de formações analíticas. Vale abrir um campo de pesquisa, cujo sentido básico seria o acima proposto:

b) Os *VERBOS AUXILIARES*, embora não fazendo parte da flexão verbal, são de fundamental importância para uma visão completa das “noções gramaticais do verbo”. Não seria por ser analítico que o português deixou de ter, por exemplo, o Pretérito Perfeito do Subjuntivo.

O português não possuiria mais o subjuntivo completo, com tempos-aspectos equivalentes ao Indicativo? Como falar em futuro imperfeito sem o contraponto futuro perfeito? Não teríamos mais o

infinitivo perfeito ativo e passivo, por exemplo? Dito de outro modo, não seria por que temos apenas três formas nominais flexionais que cada uma delas estaria privadas características verbais de tempo-aspecto e de voz. Como pode um “adulto” entender em apenas três formas um conjunto de substantivo-infinitivo, adjetivo-particípio e de advérbio-gerúndio, em que cada grupo tem três formas ativas e três passivas? Por complexo, nomenclaturas à parte, em “criança” só poderíamos abarcar uma globalidade: como é difícil para qualquer mente humana compor no varejo caótico de formas o atacado gerador do processo!

Aliás, valeria perguntar-se se as conjugações verbais pertencem à morfologia ou à sintaxe. Como no trecho citado de Matoso (1975, p. 169), “As CONJUGAÇÕES PERIFRÁSTICAS devem ser entendidas, ao contrário, como processo de formação morfológica na base de uma locução, isto é, *dois vocábulos fonológicos e morfológicos que se associam numa unidade lexical superior*”, não se pode simplesmente abrir mão das formações perifrásticas como sendo outro sistema distinto e distante das formações flexivas. O predomínio da forma analítica “tinha chovido” não a torna, sem dúvida, forma inexistente da conjugação, a partir do momento em que a forma sintética “chovera” soa quase estranha ao sistema. O mesmo seria dizer que o *passé composé* é no francês uma invencionice, por não flexiva, face ao *passé simple* de uso atual reduzido.

A outra crucial questão, também supramencionada

a) “O ASPECTO verbal não é levado em conta no ensino de verbos, a partir das gramáticas, e não foi completado por Matoso Câmara”

precisa ser reavaliada: não seria fundamental a existência da categoria aspecto para o entendimento do sistema verbal? Evidente é a existência de múltiplos aspectos, como a Análise do Discurso prima em pesquisar, mas não haveria uma herança latina da fundamental divisão em tempos perfectivos e tempos imperfectivos, inclusive com radicais distintos? É o que, etimologicamente falando, permite falar que os verbos de fato regulares são os ditos Irregulares, em que predomina a diferenciação de radicais de *Infectum* e de *Perfectum*, sem por isso serem tidos por eruditos. A nossa “criança” descobriu como elemento primeiro o aspecto verbal, arcabouço de toda nossa aprendizagem “aescolar”.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Finalmente, é triste concluir com o terceiro tópico acima:

c) A NOMENCLATURA usada no estudo dos verbos leva à incompreensão mais que à identificação da verdadeira base do complexo sistema verbal.

Transcrevo, para concluir, o que vai na Introdução:

O que me intriga, e a cada ano que passa mais ainda, é tentar desvendar por que os falantes da língua passam tantos anos na escola “aprendendo o português” – que já sabem – e sentem tamanha dificuldade em aprender os verbos – que também já sabem. Por outro lado, o sistema verbal é tão extenso, tão complexo, tão complicado, que até uma simples criança o apreende.

Não será um “exame de consciência” que irá resolver a perplexidade do Mestre das Letras e “dono do verbo” – de extensas listas desafiadoras – na sua árdua tarefa de **re**-ensinar o já sabido, mas **re**-gredindo em vez de **pro**-gredir, fazendo o discente descrever da própria capacidade de compreensão e de memória. Há que investigar com método e “disciplina” (etimologicamente, a tal da técnica do *discere* = aprender), e completar as lacunas sincrônicas e diacrônicas das duas obras “incompletas” do primeiro professor de Linguística e membro da Academia Brasileira de Filologia, Matoso Câmara Jr.

REFERÊNCIAS

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão / Bom Livro, 1975.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.